

MEDIAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS NO PIBID

Lorena Azevedo de Lima ¹
Ingrid Damiana Saéz Melchor Santos ²
Lussuede Luciana de Sousa Ferro ³

RESUMO

Este trabalho visa destacar os processos de organização de ensino com foco no trabalho do professor intencionalmente sistematizado, de modo a contribuir com a aprendizagem da leitura e da escrita pela criança em processo de alfabetização. A discussão se origina a partir das vivências no Programa de Iniciação à Docência (PIBID) ocorridas no espaço escolar e de formação docente. Com base nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, a pesquisa é de caráter qualitativo com estudo bibliográfico e análise de ações desenvolvidas com duas crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental anos iniciais, que foram acompanhadas individualmente, em uma escola localizada no interior do estado do Paraná. Para isso, as práticas foram planejadas e desenvolvidas, a partir dos estudos realizados nos encontros em campo de atuação e na instituição formadora. Dessa forma, discutimos o PIBID como uma ação importante na universidade que contribui para a formação em docência e o planejamento docente na busca por possibilidades de um ensino que promove a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, quando elas estão imersas em tarefas, discussões e problematizações que produzam nelas a necessidade de ler e escrever. Que as discussões aqui proferidas provoquem reflexões para a sistematização de ações didáticas que promovam o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento dos pibidianos e das crianças participantes.

Palavras-chave: Alfabetização, Planejamento docente, Aprendizagem, Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as investigações ocorridas no espaço de ensino da escola campo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco na alfabetização, experiências vivenciadas que se tornaram fonte de reflexões para este estudo. Ao relacionar a teoria com a prática, a cada 15 dias estávamos presente na escola observando e articulando a prática com os estudos teórico abordados na universidade.

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná- Unespar, lorenaazevedopedagogia@gmail.com

² Graduada pelo Curso de História da Universidade Estadual do Paraná, Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná- Unespar, ingriddamiana@gmail.com

³ Professora Dra. do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná- Unespar-Pvaí, lussuede.ferro@unespar.edu.br



Acompanhamos de perto o processo de alfabetização com as crianças que participaram do projeto, que se transformaram em momentos ricos de conhecimentos para elas e as pibidianas. A transição da criança em idade pré escolar para a idade escolar primária é uma etapa educacional em que a ludicidade vai ocupando um novo lugar, deixa de ser prioridade e marca o trânsito para os processos da atividade de estudo (Elkonin, 1987). Essa transição quando mediada pelo professor, provoca transformações no psiquismo da criança pelo novo lugar que ela ocupa nas relações sociais, exigindo dela a aprendizagem da leitura e da escrita na solução de diferentes problemas da vida cotidiana que envolve o ato de ler e escrever.

Frente a essas considerações, questionamos: como organizar o ensino de modo a contribuir com a apropriação da leitura e escrita da criança nesse processo de transição da idade pré-escolar para idade escolar primária? Diante disso, objetivamos destacar a organização do ensino com foco no trabalho do professor intencionalmente sistematizado, de modo a contribuir com a aprendizagem da leitura e da escrita pela criança em processo de alfabetização.

Com base nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 2000), compreendemos que articular os princípios teórico-metodológicos dessa abordagem com teorias da educação que compreendem o desenvolvimento da criança como sendo historicamente produzido, contribui com práticas pedagógicas que potencializam a aprendizagem dos conceitos científicos, nesta pesquisa, a apropriação da leitura e da escrita.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo com estudo bibliográfico de textos selecionados em alguns bancos de dados, como CAPES e Scielo, a fim de mapear e de delimitar os trabalhos voltados para a temática, conforme os princípios teórico-metodológicos adotados. Foram ainda realizadas leituras e fichamentos de obras clássicas (Vigotski, 2000; Elkonin, 1987) e contemporâneas (Pasqualini, 2013; Dangió; Martins, 2015), materiais encontrados que deram base à elaboração deste texto.

Também trabalhamos com as reflexões das vivências durante o projeto, propondo a escrever tudo o que foi realizado com as crianças que de alguma maneira fez a diferença no aprendizado da mesma. Juntamente com a apropriação de teorias que se tornaram o referencial metodológico desse estudo.



A partir dos resultados encontrados, esperamos contribuir criticamente com os leitores levando a possíveis reflexões e debates sobre essa temática, que se faz importante para a atuação do professor em sala de aula, ao proporcionar práticas pedagógicas significativas aos estudantes em processo de alfabetização.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como suporte teórico dessa discussão, nos apropriamos da Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por Lev Vygotsky e seus colaboradores. Teoria na qual se apoia na linguagem como meio de aprendizado, levando em consideração a mediação do professor e o meio social da criança. Nas palavras de Lima e Molina (2025, p. 9):

[...] o diálogo entre a pedagogia e a psicologia permite evidenciar uma didática que compreenda o ensino como um processo que promove aprendizagens e provoca desenvolvimento na criança.

Relacionar teoria e prática a partir dos princípios vigotskianos, faz com que o ato de ensinar seja mais humano com o processo da criança, levando em consideração saberes de seu âmbito familiar que se refletem na escola, durante todo processo. Mendes, Santos e Mello (2021, p. 10), apontam:

[...] quando compreendemos o papel do meio para o desenvolvimento humano na infância e as potencialidades imbricadas neste processo, reconhecemos a importância sobre as formas de apresentar o mundo e a cultura para as crianças - os hábitos, os costumes, os objetos, a ciência, a língua que falamos, as diferentes linguagens, enfim, os objetos da cultura inclusive em suas formas finais ou mais elaboradas – isto é, criando condições que as colocam em atividade e favorecem a sua ação.

Quando falamos em processo de alfabetização na visão da Teoria Histórico-Cultural, estamos falando em criar condições que coloquem as crianças na direção da apropriação da leitura e da escrita em que a criança sabe porque lê e escreve. Isso porque, a alfabetização não pode ser reduzida à simples aprendizagem mecânica de letras e sílabas, mas deve ser entendida como um processo de inserção da criança na cultura humana e está nela corporificada.

Reconhecer que o desenvolvimento da linguagem escrita ocorre mediado pelas relações sociais, pela cultura e pela intencionalidade pedagógica do professor, significa defender a ideia de que o professor não apenas ensina o código escrito, mas organiza os meios de apreendê-lo, produzindo condições para que a criança se aproprie da leitura e da escrita



como instrumentos de participação no mundo, construção de sentido e desenvolvimento humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

QUEM É A CRIANÇA DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL?

Neste tópico procuramos entender: quem é essa criança em idade escolar primária? Com base nos estudos de Elkonin (1987) e Pasqualini (2013) compreendemos que quando a criança entra no primeiro ano do ensino fundamental ela ocupa um novo lugar nas relações sociais, exigindo dela fazer e pensar como os adultos, como ler e escrever. Nesse período as brincadeiras também vão se reconfigurando e o estudo começa ser o principal foco da criança, quando mediado pelas ações intencionais de ensino do professor. A criança não deixa de brincar, mas esse não é mais o motor principal do seu desenvolvimento.

A criança do Ensino Fundamental é um sujeito em desenvolvimento, histórico, social e cultural, que tem seus conhecimentos construídos a partir das interações com o meio, com outras pessoas e com os objetos da cultura. Ela não chega à escola como uma “folha em branco”, mas traz saberes, experiências, linguagens, formas de expressão e modos próprios de compreender o mundo, adquiridos e formados nas relações que estabelece com os diferentes fenômenos ao seu redor, como a leitura e a escrita.

Nesse sentido, o processo de alfabetização deve valorizar suas vivências e promover experiências significativas com a linguagem escrita. Alfabetizar não é apenas ensinar o código alfabético, mas inserir a criança na cultura letrada, permitindo que ela compreenda a função social da leitura e da escrita, participe de práticas reais de linguagem e desenvolva sentidos sobre o que lê e escreve (Sérkez; Martins, 1996).

É necessário articular o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e cultural da criança, por meio de um ambiente rico em interações, textos, diferentes linguagens e experiências. Desse modo, aprender a ler e a escrever torna-se um processo ativo, significativo e humanizador, que contribui para a formação integral da criança como sujeito de direitos, de cultura e de conhecimento.

Dessa maneira, a linguagem expressa na escrita, ao ser apropriada pela criança, produz um salto gigantesco em seu desenvolvimento cultural,



aproximando-a multilateralmente das criações humanas e oportunizando um meio de formulação de suas ideias e pensamentos. (Dangió; Martins, 2015, p. 213)

Não é apenas uma aprendizagem técnica, mas um marco profundo no desenvolvimento humano da criança. Quando a mesma se apropria da escrita, ela passa a acessar um novo nível de relação com o mundo, com a cultura e consigo mesma.

Nesse sentido, criar a necessidade de escrever deve ser uma preocupação didática do professor atento ao ensino que produz desenvolvimento, levando-se em conta as múltiplas relações da criança com a escrita, especialmente com a literatura. (Dangió e Martins, 2015, p. 213)

Segundo a afirmação da autora supracitada, é a explicação mais simples e direta do nosso trabalho realizado do PIBID. Exemplo disso, é de uma criança que acompanhamos com tarefas ressignificadas. Tal criança apresentou bastante dificuldade em reconhecer as letras e não conseguia escrever ou ler palavras. Nos encontros que aconteceram quinzenalmente, observamos que as tarefas com ela deveriam ser repensadas para melhor desempenho da criança na sua aprendizagem.

Por isso, confeccionamos um material didático focando no que a criança já sabia, na ludicidade e nas suas necessidades de aprendizagem. Assim, iniciamos o conteúdo com um livro infantil sobre o alfabeto. Procuramos também relacionar as letras com as palavras de seu convívio, por exemplo, inicial do nome da mãe dela e outras palavras que poderiam ser construídas utilizando todas as letras que compõe esse nome.

Nessa direção, percebemos que a criança se mostrou mais interessada nas letras, conseguiu relacionar letras e sons e formar algumas palavras sob nossa intervenção. A criança também conseguiu escrever a fruta que foi solicitado na atividade com ajuda do material pedagógico e da professora. Durante esse acompanhamento foi possível notar algo curioso, com um olhar diferenciado, não somente focado em fazer com que ela alcançasse os resultados que todos conseguiram, mas também valorizar outros tipos de conquistas pessoais, pois elas também são importantes.

A aluna de fato não teve tantos avanços no processo de alfabetização, mas teve avanços em sua comunicação. No início era fechada, não gostava de se comunicar, mas ao longo do percurso, mostrando-se mais confiante em expressar as suas ideias e dialogar com o outro, importantes aprendizagens que fazem parte do processo de alfabetização. Processo inclusive bastante valioso na aprendizagem, visto que as interações sociais também fazem parte do processo de apropriação da leitura e da escrita, logo que, para escrever é preciso enredos e repertórios daquilo que sentimos, percebemos, pensamos, imaginamos e vemos na relação



com o mundo. Observamos ainda o protagonismo da criança mencionada em outros aspectos da alfabetização, compreendendo como a língua funciona em diferentes contextos comunicativos, O que também é importante nesse período. (Serkés; Martins, 1994).

Assim, a alfabetização deixa de ser entendida apenas como domínio técnico da leitura e da escrita e passa a ser compreendida como um processo cultural, social e interativo, no qual a criança assume papel ativo na construção do conhecimento. Ao participar de diferentes práticas de linguagem, ela desenvolve não só habilidades linguísticas, mas também controle de conduta, pensamento crítico e consciência de si e do outro como sujeito social, evidenciando que a alfabetização é, sobretudo, um caminho de formação humana integral, no qual aprender a língua significa também aprender a se expressar, a se posicionar e a interagir no em com o mundo.

O ATO DE PLANEJAR

O primeiro passo de responsabilidade ao professor na organização do ensino é planejar quem são os sujeitos que aprendem, o que e como eles aprendem. Considerando o que deve ser ensinado, o professor deve buscar nos documentos oficiais norteadores da educação brasileira, os conteúdos que estão voltados para cada etapa da escolarização, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para desenvolvermos as intervenções com as crianças na escola, estudamos como contribuir com os processos de apropriação da leitura e da escrita das crianças que estávamos acompanhando. Para isso, consideramos alguns aspectos, como: as crianças participantes do programa e suas condições objetivas de vida e o que elas já sabiam e ainda precisavam aprender sobre leitura e escrita.

Com base nos princípios teórico-metodológicos da Teoria Histórico-Cultural (Vigostki, 2000), essas questões foram sendo desvendadas nos encontros quinzenais ocorridos na universidade e na escola sob orientações das professoras orientadoras e supervisora. Nesse trajeto de estudos, buscamos discutir e planejar abordagens que nos colocassem em movimento junto com as crianças, de modo que elas se aproximassem com sentido e significado da leitura e da escrita.

Com isso, buscamos valorizar e ressignificar as vivências e experiências que a criança traz do meio em está inserido, logo, os conhecimentos do seu âmbito familiar e que influenciam em suas aprendizagens na escola. Dialogar com a Teoria Histórico-Cultural nos permite vivenciar um ensino com mais sentido, tornando as tarefas propostas para as crianças



mais significativas, pois elas reconhecem e compreendem a função social da leitura e da escrita, ou seja, ler e escrever se tornam para a criança ferramenta que organiza, comunica e registra ideias na organização do seu cotidiano, além de ser fonte de lazer (Sérkez; Martins, 1996).

Nesse percurso, buscamos as ações coletivas e individuais com as crianças, instigando a curiosidade em situações de ensino lúdicas e problematizadoras que, para resolvê-las, elas precisavam lançar mão da leitura e da escrita. Com isso, tínhamos o desafio de produzir na criança a necessidade de ler e de escrever, isto é, a criança começou a entender o que estava lendo e escrevendo, para quem e por que. Essas ações se desdobraram em ações de aprendizagem que envolveram o reconhecimento das letras, construção de palavras, análise e produção de diferentes gêneros textuais, leituras compartilhadas etc.

Exemplo disso, foi o uso da literatura infantil para o planejamento de uma sequência didática em que os alunos deveriam organizar uma festa de despedida para um animal da floresta, o elefante. No cumprimento dessa tarefa envolveu várias ações, por exemplo, análise de panfletos de supermercados, cardápio de restaurantes e lanchonetes para identificar quais alimentos poderiam ser utilizados para montar o cardápio da festa do elefante e a lista de compras dos ingredientes. Além disso, as crianças produziram o convite, a lista de convidados, a receita do bolo; organizaram o ambiente da festa etc.

Nesse percurso de estudos com as crianças, observamos a riqueza do aprendizado delas acontecendo, já que nas situações imaginárias, as crianças precisaram: relacionar as figuras dos alimentos nos panfletos com sua escrita; manusear o alfabeto móvel para identificar as letras e pensar na relação fonema e grafema na produção das palavras; ler os nomes dos alimentos, percebendo que a mesma letra pode ter sons diferentes ou letras diferentes podem ter o mesmo som; perceber que uma palavra muda o sentido a depender do contexto; usar as pontuações para direcionar o sentido dos textos; Essas ações, colocaram as crianças no movimento de atenção, percepção, sensações, imaginação, memorização, linguagem, pensamento, importantes funções do psiquismo que, quando bem desenvolvidas, qualificam a forma como a criança se relaciona com os diferentes fenômenos, como a leitura e a escrita.

O projeto certamente fez a diferença no desempenho escolar das crianças que dele participaram, contribuindo também como apoio para as professoras regente das turmas. Todas as ações desenvolvidas e manifestações das crianças foram registradas em portfólio e relatórios, para não perdermos de vista a relação sujeito, conteúdo e forma. Com todo trabalho



desenvolvido, uma das crianças que acompanhamos mais de perto, avançou do nível pré-silábico para o silábico alfabético.

Inicialmente, a referida criança apresentou dificuldades com som das letras, identificava as imagens na oralidade, mas não conseguia relacionar as letras aos sons correspondentes. Com o desdobramento das tarefas propostas, começou a escrever sílabas e palavras com algumas omissões ou trocas. Por exemplo, na imagem de uma PANELA a criança conseguiu escrever o som do PA e do LA, esquecendo somente do som do NE. Na escrita das palavras do cotidiano com o alfabeto móvel, também conseguiu construir algumas sílabas sozinho, identificou as letras embaralhadas no alfabeto móvel e juntou-as corretamente na escrita das palavras e fez a leitura com ajuda da professora. Ao longo do projeto acontecendo na escola, as dificuldades enfrentadas por essa criança, foram sendo superadas, sendo possível constatar seu progresso na alfabetização. O processo de instigar a necessidade da escrita na vida social das crianças, contribui ricamente para o aprendizado delas.

Entendemos que essa avanço em seu processo de aquisição da escrita ocorreu em razão dos nossos estudos e intervenções que buscaram produzir na criança a necessidade de ela ler e escrever. Com o projeto também aprendemos que o professor precisa planejar intencionalmente as suas ações de ensino de modo que provoque ações de aprendizagem na criança. É preciso sempre planejar pensando nas possibilidades e não focar nas dificuldades, limitando os processos de alfabetização à aprendizagem de sons como simples soletração, mas compreender que a aprender ler e escrever é a aquisição de um complexo sistema de desenvolvimento das funções superiores advindo do percurso histórico cultural da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as discussões proferidas, podemos concluir com essa pesquisa que o processo de alfabetização vai muito além da apropriação do sistema de escrita. Todas as crianças que participaram e acompanhamos no PIBID avançaram no processo de aquisição da leitura e da escrita, com muitos deles sendo alfabetizados e outros seguindo nessa direção com conquistas tão importantes como a ampliação do vocabulário, do discurso, dos enredos e da argumentação. Também constatamos que teoria e prática devem estabelecer uma relação de dialeticidade, ou seja, a teoria fundamenta a prática ao mesmo tempo em que a prática deve revelar os princípios teóricos.



A importância do ambiente acolhedor, das práticas mais desenvolvidoras fez toda diferença na qualificação dos avanços apresentados pelas crianças que também qualificou nossa formação como docentes. Com isso, encerramos os trabalhos com o sentimento de gratidão pela participação no projeto PIBID, que tanto contribuiu com a forma como passamos a entender a criança e as suas necessidades de aprendizagem, nos mobilizando a buscar possibilidades de ensino que tornasse significativa a aprendizagem para as crianças; tornando o nosso olhar mais crítico e transformador nessa etapa educacional.

Esse trabalho contou com participação de professoras comprometidas com a pesquisa e a educação de qualidade e com colegas de turma comprometidas com a própria formação e das crianças. A experiência do PIBID trouxe relevância em nossa carreira profissional e esperamos que a leitura dessa pesquisa também contribua com processos de humanização de acadêmicos, professores e crianças, no percurso de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

DANGIÓ, Meire; MARTINS, Ligia M. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico: contribuições didáticas.** Autores associados, 2018, p.41 a 58.

LIMA, Lorena Azevedo; MOLINA, Adão Aparecido. **AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM ÊNFASE NO PROGRAMA BABY PISA.** 2025. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduado em Pedagogia) Universidade Estadual do Paraná, Paranavaí, 2025.

MENDES, Ana Cláudia Bonachini; SANTOS, Simone Silveira; MELLO, Suely Amaral. Documentar, Registrar e Avaliar na Educação Infantil: Implicações da Teoria Histórico Cultural para a documentação Pedagógica. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 9–33, 2021. DOI: 10.30681/relva.v8i1.5718. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/5718>. Acesso em: 25 fev. 2026.

SÉRKEZ, Ângela Maria Batista; MARTINS, Sandra M. Bozza. **Trabalhando com a palavra viva: sistematização dos conteúdos de Língua Portuguesa a partir do texto.** Curitiba: Renascer, 1994.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a Teoria Histórico-Cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. *In*: MARSIGLIA, A. C. G. **Infância e pedagogia histórico-crítica.** Campinas: Autores Associados, 2013. p. 71-96.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.





VENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

V PIBID SUL | V Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
III ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

